

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO.

1.^a Ep.st. aos Corinthios cap. I, v. 23.



Redacção:

Rua da Quitanda N. 39

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura annual 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qualquer mez, mas finda em Dezembro.

ANNO VIII

Rio de Janeiro, Março de 1899

NUM. 87

A imprensa e a moral publica

Algumas vezes, a imprensa profana, falando em nome da moral, lembra-se de passar *descatçadeiras* contra a immoralidade publica, e então, sentenciosamente, condemna, em alevantada phraseologia, a pratica de actos immoraes e licenciosos... em uma pagina; e na pagina seguinte, ou na mesma, lê-se o folhetim, ou anedoctas *picantes*, ou qualquer narrativa sensual, que só podem lembrar a imaginação a pratica dos actos, que no mesmo jornal são condemnados!

Póde-se imaginar que *effeito salutar* terão taes declamações sobre a moral! Uma cousa annulla a outra.

Não ha muitos dias, a imprensa desta capital levanto grande alarido a proposito de uns *D. Juans* de porta de confeitaria, de esquina de rua, e de bonds que dirigem graçolas insulsas ás moças que lhes passam proximas, *quando vão desacompanhadas*, ou que as perseguem nos bonds, encarando-as ousada e cynicamente, quando não levam o seu arrojo a muito mais!...

Tem razão a imprensa, de combater o procedimento indigno desses *gommeux*, que tendo irmãs e primas ficariam todos insultados e furiosos, si um janota qualquer dos seus companheiros tivesse a ousadia de fazer com ellas, o que elle faz com outras.

Tem razão a imprensa; mas que valor permanente, ou mesmo passageiro, terão as suas observações; que importancia podem merecer ou que influencia poderá ter taes objurgatorias, si ella não tem coherencia alguma; si um dia combate uma cousa que no outro proclama!?

Como, proclama? Não ha raptos, não ha escandalo moral, que ella não descreva em tintas alegres e vivas para impressionar a imaginação dos leitores; e grava assim fundamentalmente scenas e palavras que não deviam ser escriptas nem descriptas. Não ha mudança profunda nos costumes populares, sem a transformação espirital que a religião sincera imprime. Mas, á parte esse ponto essencial, tambem não póde haver influencia alguma benefica nas declamações da imprensa sobre a immoralidade publica, desde que ella não é coherente consigo mesma! Não póde prégar moral quem não a possui, nem a pratica; ou, si a préga, torna-se hypocrita, e o effeito geral é absolutamente nullo! Muitas e muitas vezes apparecem nos editoriaes lindos e vehementes artigos profligando o vicio do jogo, em qualquer das suas fórmãs; noticias sensacionaes de jogadores pílhados em flagrante; pagamento de grossas multas á policia; cerco da policia e autoridades e perseguição official aos centros onde se joga; prisão dos vendedores e compradores de *bichos*, etc., etc.; noticias todas, em que se acaba louvando e acoroçando a policia a proseguir; e em que são acercentadas algumas palavras, combatendo o vicio em nome da moral. Mas, leia-se o resto do jornal: — annuncios pomposos do jogo das Loterias; réclames editoriaes para tal ou tal loteria que *sempre dá sorte*; secções dedicadas ao jogo das *poules*, em corridas de cavallos, com grandes elogios a tal jogo, sob a capa de corridas de animaes; annuncios e réclames ao jogo dos frontões; ao jogo de corridas de *bycioletta*; palpites e descripções para o jogo dos *bichos*, para os cavallos; para os boliches; para o *agave* americano; para tudo enfim quanto é jogo, sob as mais va-

riadas, seductoras, *innocentes* e disfarçadas formas, e exquisitos nomes! Esta é a realidade. E que conceito ou resultado esperar da condemnação do vício, quando, a par, na mesma folha, está o seu pregão?! Algum lerá *impressionado*, o bello editorial sobre o jogo, e voltando a pagina, procurará o *palpite* para o *Bicho* do dia; ou para o cavallo a ganhar no proximo domingo; ou si sabiu branco ou premiado o seu bilhete de loteria! Esta, a influencia moral das duas forças oppostas e contradictorias no mesmo campo—a imprensa:—uma annulla a outra; a má annulla a boa, e fica persistindo, só, sobre a massa popular!

A moral deve começar por casa;—a reforma deve começar pela propria imprensa, para ter valor e exercer influencia.

No caso dos *D. Juans*, foi preciso que uma donzella mais nervosa se jogasse do bond, em movimento, para escapar á audaz perseguição de um *gomméux*; que uma senhora desse com o leque na face de um malcreado; e outros factos desta ordem, para então chamarem esses factos a attenção publica; e os jornaes, em linguagem violenta, reclamarem contra a immoralidade e pedirem providencias energicas! Sentatos, judiciosos e vehementes (mas justos) artigos vieram então a lume em todas as folhas, profligando esses escandalos sociaes, e o procedimento indigno e vil desses typos sensuaes e perversos que assim desrespeitam as familias!

E uma grande parte desses moços pertence a familias distinctas e serias; trajam-se com esmerado apuro; têm *bôa* (?) educação!...

Lamentavel e deprimente este facto!

Mas, infelizmente, esse procedimento condemnavel e indigno é a cousa *mais commum* no nosso meio social de *grande cidade*; e si, sómente agora a imprensa se apercebeu, foi porque assumiu proporções extraordinarias e desusadas.

A imprensa fez o bem que poude em dar o alarma, e censurar energicamente taes actos attentatorios aos bons costumes e ao socego das familias; mas toda a moral pré-gada na occasião (e durou pouco) foi inutil e perdida; e sempre o será, emquanto as providencias pedidas não começarem por casa—na eliminação dos contos, das anedoctas, dos folhetins, que moças solteiras não podem nem devem ler!

E' muito bonito combater o vicio é a immoralidade; porém de que vale prégar mo-

ral a proposito de um ou outro facto escandaloso, mais proeminente, si «desmancha com os pés o que faz com as mãos?» si na propria folha tem o povo litteratura immoral para *se educar*?!...

Durante esse rapido *fogo de palha* de indignação publica motivada pelo procedimento desses *botinas* (nome actual com que alcunham taes sujeitos), observou-se que na mesma folha que trazia artigos indignados e moraes, vinha tambem, ora um conto, ora uma anedocta, ora um folhetim que uma donzella não poderia ler para seus paes ouvirem!

Um dos litteratos mais apreciados do nosso meio publicou um bello artigo; o mais vibrante, o mais verdadeiro, o mais criterioso e bem escripto que jámais li sobre o assumpto, e que me entuziasmou ao lel-o; porém ao chegar á assignatura do auctor, cahiu-me a alma aos pés—era justamente do auctor de contos, novellas e livros de onde resumbram uma sensualidade que só pôde servir de incentivo aos *D. Juans*!

Era a contradicção formal a tudo quanto tem escripto; desmereceu pois e perdeu quasi todo o valor para mim tal artigo, faltava-lhe o cunho da sinceridade; pois como escrever assim quem justamente faz de suas obras compendios de sensualismo?!...

Porém o que eu particulariso em um individuo, pôde-se applicar a toda a imprensa em geral, que assim procede. Pouco importa atacar de vez em quando a immoralidade que ella mesma atéa, pela sua litteratura. Absolutamente isso nada influe sobre a moral publica ou privada, desde que della não parta o exemplo, desde que não pratique o que condemna. Os folhetins na sua maioria, as anedoctas picantes, os contos immoraes, as narrativas sensacionais de scenas intimas e degradantes que a reportagem exmiuça, as descrições *provocantes* de bailes carnavalescos, tudo isso e cousas semelhantes, em que a imprensa pôe requinte em dar o tom ou a nota *sensual*, constitue, por certo, o incitamento á immoralidade, que ella pretende combater de *vez em quando*, quando, por outro lado, *continuamente* a insuffla, por taes meios!

Não! reforme-se primeiro a imprensa; que depois, ella poderá auxiliar efficazmente a reforma de costumes, porque então poderá prégar o que pratica! Antes disso, antes de *limpar* as suas columnas, e expurgal-as dos proprios vicios que procura combater,

será *totalmente inútil* qualquer tentativa eficaz de prégar moral ao povo!

Inútil e ridículo.

Mas, infelizmente, entre nós, a imprensa, em geral é justamente o compendio da *bolinagem!*

Sim! Com o «Filhote», o «Engrossa» a «Cidade Nova» etc. *sujando* as paginas de jornaes serios; com pasquins (a que chamam jornaes, e que são muito lidos pelo povo) cujos nomes não é preciso citar, maculando o corpo da imprensa; com revistas e romances improprios; e, nestes mesmos jornaes serios, com columnas dedicadas a Clubs carnavalescos, e a descrições de scenas repugnantes—com tudo isso, a imprensa constitue a escola da sensualidade, do vicio, da immoralidade, a escola dos *Don Juans*, e da *bolinagem* e, peor—a maculadora da pureza do espirito feminil!...

Nunca, porém, será o factor essencial da moral publica, como pretende ser!

Com esta apreciação, tenho apenas em vista patentear a incoherencia da imprensa no assumpto, e portanto a inutilidade das suas declamações moralistas esporadicas, emquanto não houver uma reforma radical em seu seio, abolindo completamente tudo quanto não sirva para a educação moral do povo!

Quando a imprensa da nossa terra fôr *pura e moral*, teremos dado um grande passo no caminho do progresso. Mas ah! quanto estamos ainda longe deste fim...

Falta justamente ao povo e aos seus mentores a base essencial dessa reforma moral: —a *Religião sincera e verdadeira!* Sem isso, todo o esforço será baldado, toda a moral será ficticia, toda a lucta será inútil, toda a reforma será impossível!

LAURESTO,

3 Março — 99.

EPHESO

A antiga cidade de Epheso estava situada no rio Cayster, que desagua na bahia de Scala Nova, na costa occidental da Asia Menor.

E' provavel que, antes de Androclos, atheniense, com os seus seguidores, fundarem uma das doze cidades da Confederação Jonica em A. C. 1044, já existisse em territorio ephesio uma cidade de alguma importancia. Esta cidade, até o tempo de Ale-

xandre o Grande, que a libertou do jugo secular da Persia, viu muita transformação.

No dia em que nasceu Alexandre (A. C. 356), um individuo incendiou o grande templo de Diana, que era uma das sete maravilhas do mundo, unicamente para immortalisar o seu proprio nome. Mas o povo que se ufanava tanto de ter em seu seio a grande Diana e o seu templo, fez sacrificios incriveis, despindo-se até as mulheres de todas as suas joias, para auxiliar as despesas da reconstrução e no fim de alguns annos estava o templo em pé e o culto a Diana dos Ephesios mais popular do que nunca. Este templo tornou-se um muséo riquissimo devido á porfia que reinava entre os grandes de fazerem cada qual presentes mais valiosos. A pintura dos artistas mais afamados da Grecia cobriam as suas paredes.

Depois da morte de Alexandre a cidade esteve sob o dominio de diversos reis até que veio a cair nas mãos dos Romanos. (Antonio A. C. 41) No tempo de Augusto, Strabo escreve que «era o lugar de maior commercio de todas as cidades ao occidente do Taurus.» E, provavelmente, ainda retinha essa fama quando S. Paulo veio e residio nella durante tres annos e, por vontade de Deus, foi a causa da conversão de muitos idolatras, o que, sem duvida, concorreu para que houvesse o grande levantamento de Demetrio e de outros fabricantes de idolos.

E' de presumir que o christianismo nunca deixasse de prosperar desde que foi prégado pela primeira vez na cidade de Epheso e é bem provavel que algumas igrejas se tivessem concluido antes da completa destruição do templo.

No anno 262 de nossa era os Godos saquearam a cidade e destruíram o grande templo de Diana. Essa destruição foi um golpe de que Epheso nunca mais recuperou. No anno 431 reuniu-se nesta cidade o terceiro concilio da Igreja christã. No seculo XIII os turcos tomaram conta da cidade, que pouco a pouco foi ficando deserta. A malaria que atormentava os habitantes das margens do rio Cayster, obrigou-os a procurar lugar mais salubre e actualmente nesse lugar existem algumas villas muito pobres, sendo a principal Ayasaluk.

Em 1869 o Sr. J. T. Wood, depois de alguns annos de trabalho, descobriu as ruinas do sumptuoso templo da Grande Diana

dos Ephesios e achou que as dimensões de Plínio concordam mais ou menos com o que encontrou.

As dificuldades a superar foram muitas, ora incommodo das auctoridades turcas, ora desavenças e desgostos com os trabalhadores e aguas nas escavações, pois o nível do terreno onde está o templo conta muitos metros acima do nível primitivo. Os terrenos onde encontrou estas e outras ruínas são campos quasi todos cultivados por lavradores.

O Sr. Wood encontrou alguns fragmentos das ricas columnas do Templo com esculturas humanas em tamanho natural. O templo tinha 100 columnas, tendo cada uma perto de 18 metros de altura e 2 metros de diametro na base.

O mesmo Sr. Wood descobriu e reconheceu as ruínas do Grande Gymnasio, do Odeum ou salão de musica, achando todos os assentos e degraus, bem como o pavimento de marmore da orchestra e pulpito. Este salão comportava 2.300 pessoas.

Em Fevereiro de 1866, encetou a exploração do Grande Theatro. Era construído contra a encosta occidental do monte Coressus. O seu diametro era de cerca de 150 metros. A orchestra tinha 34 metros de diametro e o theatro podia dar assento a 24.500 pessoas. Encontrou em blocos de marmore muitas inscripções de decretos do Senado e do povo de Epheso, concedendo o titulo de cidadão e outras honras a varias pessoas. Encontrou tambem nestas ruínas outros blocos com inscripções que datam do anno 299 antes de nossa era.

Como os nossos leitores devem estar lembrados, Epheso era uma das sete cidades da Asia Menor, onde Igrejas Christãs foram estabelecidas nos primitivos tempos do christianismo e que antes da conversão de S. Paulo, que teve lugar (A. D. 36), havia muitos christãos nesta cidade, bem como na Judéa e Galilea e em Samaria, onde, nos diz S. Lucas, havia então paz nas egrejas depois da grande perseguição de que Saulo de Tarso tinha sido o cabeça.

A primeira visita de Paulo a Epheso foi com Priscilla e Aquilla, que o acompanharam na sua viagem de Corintho a Jerusalem; nesta occasião, curta como foi essa visita, não deixou de ir á Synagoga e de discutir com os Judeus. Provavelmente só demorou-se um dia em Epheso ou somente o tempo necessario para o navio descarregar

parte de seu carregamento. (Actos XVIII. 18-28 e IX.31.)

O capitulo decimo nono dos Actos dos Apostolos dá-nos uma descripção dos successos de S. Paulo durante mais de dous annos que esteve em Epheso. Ensinou o christianismo na synagoga dos Judeos e na escola de um certo Tyranno, as suas doutrinas convenceram a muitos, de maneira que os que tinham seguido «as artes vãs» trouxeram os seus livros e os queimaram diante de todos. Isto teve lugar provavelmente no Forum, que está situado ao pé do Grande Theatro, onde se levantou o tumulto, suscitado pelo receio que Demetrio, fabricante de nichos de prata para o templo de Diana, tinha de que, com a nova doutrina o seu negocio desaparecesse. Tão grande foi o tumulto e tal o receio pela segurança de Paulo, que os seus amigos, bem como os Principaes da cidade, aconselharam-no a não entrar no theatro, deixando elle logo depois a cidade de Epheso.

«A longa inscripção Salutaria encontrada numa das paredes da passagem que pelo sul dá para o theatro e que foi feita no tempo de Trajano, (cerca 104 A. D.), descreve detalhadamente um numero destes nichos provavelmente semelhantes aos que eram feitos por Demetrio e seus companheiros. Os nichos descriptos nesta inscripção, em numero superior a trinta, eram de ouro e prata, pezando de 3 a 7 libras cada um e representavam Artemis com dous veados e uma variedade de figuras emblematicas; estes eram destinados a Artemis e foram mandados collocar no seu templo. Esta inscripção é uma prova da veracidade das particularidades mencionadas nos Actos e da popularidade da adoração de Artemis, cerca de meio seculo depois da partida de S. Paulo.» (1)

Julga-se que depois deste levantamento contra Paulo o conselho votou um decreto prohibindo a prégão do Evangelho por elle e outros, e que isto motivou a sua proxima viagem a Jerusalem por Mileto, sem tocar em Epheso.

Euzebio, escrevendo no quarto seculo, diz-nos que Lucas nasceu em Antiochia na Syria.

A primeira vez que no Novo Testamento (2) temos noticia d'elle, é quando elle se juntou a Paulo em Tróade e o acompanhou á Macedonia. Lucas, escriptor dos Actos dos Apostolos, de repente adopta o

uso da primeira pessoa do plural no Capitulo XVI, inferindo-se que elle ahí (Troade) juntou-se a Paulo. Viajou até Philippos e dahi em diante, quando Paulo deixa esse lugar, elle falla na terceira pessoa. No Capitulo XX v. 5 somos informados de que Lucas tomou outra vez a companhia de Paulo em Philippos; porém, é duvidoso que tivesse ficado alli durante os sete annos que Paulo esteve ausente. (A. D. 51—58). Lucas acompanhou Paulo a Mileto, Tyro, e de Cesarea a Jerusalem. A ultima vez que o Novo Testamento nos falla d'elle é quando menciona que elle acompanhou Paulo a Roma. (3)

Meneas diz que Lucas morreu na idade de 80 annos. Epiphanio conta-nos que elle morreu em Dalmacia, Gallia, Italia e Macedonia. Gregorio Nazianzeno faz de Achaia o centro de sua prgação. Gaudencio, bispo de Brescia, escrevendo no seculo quinto, falla de Lucas como martyr e diz que soffreu em Patras.

Agora, vamos ao ponto onde queriamos chegar. Um dos edificios mais interessantes associados ao Christianismo em Epheso, é o chamado Tumulo de S. Lucas, que o explorador Wood suppõe ter sido contemporaneo com o dominio primitivo do Christianismo em Epheso, e com algumas das igrejas cujas ruinas encontram-se dentro da cidade. O edificio que o explorador Wood presume ser o tumulo de S. Lucas, é de forma circular, de marmore branco, com 50 pés de diametro, estando adornado com 18 columnas, e a mesma pessoa suppõe que esta estrutura data da ultima parte do seculo terceiro ou do começo do seculo quarto e presume que os christãos primitivos daquella época tivessem obtido permissão para remover os restos mortaes de S. Lucas de sua sepultura original, fóra da cidade, para este lugar de honra dentro da cidade. E' muito provavel que os christãos não tivessem perdido de vista a sepultura original de S. Lucas, visto terem-se passado sómente 2 seculos. Ha divergencias sobre a morte de S. Lucas; uns escriptores gregos dizem que elle foi enforcado em Patras, outros que morreu em Epheso.

Não temos nenhuma narração authentica acerca do lugar e da especie de morte que Lucas soffreu. Mas não me parece improvavel que tivesse morrido calmamente em Epheso. Ainda que tivesse fechado os seus olhos em Patras, não teria sido impos-

sivel o transporte de seus restos mortaes para Epheso.

Ha nesta cidade ruinas de diversas igrejas antigas e as mais interessantes são as ruinas de uma igreja que foi cortada em pedra viva no lado oriental do monte Coressus. Apenas o tecto e a parede do lado do Oriente não eram rocha viva.

Na estrada entre a porta Magnesia e o templo foram descobertos diversos sarcophagos, muitos dos quaes tinham os emblemas de christãos abertos no marmore. Alguns, pelo estylo das inscrições, datavam provavelmente do seculo quarto.

Esse explorador, o engenheiro inglez J. Wood, já é fallecido ha annos e durante o tempo de sua exploração em Epheso, de de 1863 a 1874, dispendeu com esses trabalhos mais de 500 contos (Lbs. 16.000).

A desobstrução do logar onde estão as ruinas do templo, consumiu quasi toda aquella quantia—400 contos de réis. (Lbs. 12.000).

Este trabalho é mais uma prova da authenticidade do Novo Testamento.

FRANDES GRABANE.

[1] Modern Discoveries at Ancient Ephesus, pags. 84 e 85.

[2] Actos XVI.10.

[3] Actos XXVIII. 11-16.

Lisboa retrograda?

E' crime previsto no Codigo Penal Portuguez tér-se a Biblia em familia e na escola.—Reitor do Lyceo de Lisboa.

O que actualmente se passa em Lisboa entre o sr. Manoel dos Santos Carvalho e o inspector escolar é digno de ser levado ao conhecimento de nossos leitores e esperamos que seja um incentivo para que os crentes portuguezes e brazileiros, que estão uso-fruindo neste paiz as regalias religiosas que a lei lhes faculta, roguem incessantemente a Deus para serem revogadas naquella paiz irmão as leis que restringem a liberdade de consciencia.

Somos informados de que, por uma nova lei, o governo ordenou que todas as escolas lhes deem conta do seu trabalho por intermedio do reitor do Lyceo de Lisboa. Para sortir o effeito desejado, isto é, o do cerceamento da divulgação da Biblia, foi escolhi-

do para preencher o cargo de reitor do Lyceo de Lisboa um jesuita intransigente. Para execução da lei foram expedidos diversos impressos exigindo a declaração do numero de alumnos, seu sexo, idade e gráu de instrucção, etc.

O sr. Carvalho, que ha muitos annos sustenta uma escola gratuita de instrucção primaria em Lisboa, tamtem recebeu um desses impressos, e entre outros dados declarou que na sua escola se fazia uso da Biblia. Quando o reitor soube disso, em vez de dar graças a Deus por ter quem disseminasse o conhecimento de Jesus sem onus para o Estado, ficou furioso. Disse ao sr. Carvalho que nem na escola nem na familia existe o direito de usar semelhante livro e que ou se acaba por completo o uso da Biblia alli ou vai pôr em execução contra elle o Codigo Penal. O sr. Carvalho respondeu-lhe com a mesma firmeza com que os martyres respondiam ás perguntas hereticas dos inquisidores nos seculos passados, que, custe o que custar, não lhe faltando a graça de Deus, nunca observará tal lei!

Isto passou-se no dia 8 de Janeiro no Lyceo de Lisboa.

A perseguição religiosa official na capital de Portugal não pára ahi.

O prior dos Anjos está tratando de arranjar com o Patriarcha de Lisboa um meio de acabar com as reuniões evangelicas, que tanta paz e consolação tem trazido a muitas almas na Estephania, sustentadas pelo sr. Julio d'Oliveira. Estas reuniões são feitas sob a responsabilidade legal do sr. Carvalho e é portanto sobre elle que recae mais esta perseguição official, pelo que já conta o mesmo com a instauração de um processo por offensas á religião do Estado. Mas o nosso irmão nada teme dos homens, segundo escreve a um irmão nesta cidade. Diz elle: «Felizmente não os tememos: «Quando Deus é por nós, ninguem pôde ser contra» Só Deus em quem confio me pôde livrar do poder das trevas e dos governantes. Mas se, por ventura, Deus o não quizer fazer, direi como Daniel: «Não obedecerei ao mandato do rei».

No anno passado a *União Portugueza*, organ portuguez que se publica nesta cidade, disse haver liberdade de consciencia em Portugal, mas a sua asserção está em completa contradicção com certos artigos do Codigo Penal Portuguez e com o actual procedimento do representante do governo em Lisboa.

Felizmente em Villa Nova de Gaya tem havido diversas reuniões que tem por fim, reivindicando a liberdade de que Deus concedeu, exterminar o cancro da sociedade que se chama—jesuitismo.

Que sejam bem succedidos e que o puro Evangelho tome o logar vago, são os nossos sinceros votos, pela nação de feitos passados tão brillhantes.

Aos nossos irmãos pedimos que orem ao Senhor para que conforte e fortaleça o nosso irmão perseguido pelas auctoridades portuguezas por causa do Evangelho.

A Igreja

A palavra Igreja (ou Egreja) significa —um povo chamado—da palavra grega *EKKLISIA* que pôde ser traduzido por assembléa, convocação, congregação. No Novo Testamento não é empregada só no sentido religioso, mas tambem no profano, para ajuntamentos legitimos ou tumultuosos.

Em Actos 19, v. 39 onde Figueiredo diz: —«legitimo ajuntamento»—no Grego é—legitima igreja, e em Actos 19 v. 32 e 40 as palavras—«ajuntamento», «congresso», são no Grego—igreja.

O sentido é uma assembléa ou ajuntamento de pessoas para algum fim. Esta palavra é usada muitas vezes no Novo Testamento no singular e no plural. Estevão chama igreja á congregação de Israel no deserto (veja-se no Grego e no Inglez Actos 7, v. 38).

Os remidos de Christo são chamados do mundo, e elles constituem uma igreja ou um ajuntamento, e a este povo assim congregado Elle amou dando-se pela Igreja ou povo chamado, (Efes. 5, v. 25). Em nenhum logar do Novo Testamento a palavra —igreja é empregada com referencia a casa, como hoje é costume chamar-se.

A passagem em 1^o Cor. 11, v. 22: «Por ventura não tendes vós as vossas casas, para lá comerdes e beberdes? Ou despresaes a igreja de Deus, e envergonhaes aquelles que não tem? Não se refere á casa mas aos crentes reunidos, porque estes são a igreja de Deus e não a casa ou logar onde estavam reunidos. A este nome—Igreja—diversos qualificativos são juntos para designar os crentes em suas diversas relações e circumstancias. Algumas pessoas ensinam que—A Igreja de Deus—é o unico e verda-

deiro nome que deve ser usado, mas examinando o Novo Testamento, achamos que nenhum mandamento ou restrição ha neste sentido.

A primeira passagem é em Matt. 16, v. 18: «Edificarei a minha igreja».

Aqui Christo não ajunta qualificativo algum, mas falla em sentido geral—minha igreja.

Em Actos 2, v. 8: «A Igreja que estava em Jerusalem», e no cap. 4, v. 41: «Confirmando as igrejas».

No primeiro caso indica a localidade, o lugar onde a igreja, ou os crentes achavam-se, e no segundo, diversos logares onde assistiam ajuntamentos ou congregações, e neste caso o plural—igrejas.

Actos 20, v. 28: «Apascentar a igreja de Deus». Esta é a primeira vez que se falla em—igreja de Deus—formando um possessivo, igreja que Elle, Deus, adquiriu pelo seu proprio sangue. Deus aqui refere-se a Christo, pois foi Elle que deu seu sangue para adquirir esta igreja.

Esta igreja é no mesmo verso chamada—«rebanho»—do qual Christo é o Summo Pastor, e os Presbyteros Pastores construidos pelo Espirito Santo para apascentarem (v. 17, 28 e 1ª Pedro 5, v. 1, 2).

Rom. 16, v. 4: «As igrejas dos gentios». A expressão—dos gentios—não significa possessão, mas que estas igrejas eram formadas de gentios, povos que não eram judeus.

Rom. 16, v. 5: «A igreja que está em sua casa». Indica o lugar onde pessoas crentes se reuniam. Estes crentes, muitos ou poucos, eram a igreja que se ajuntava em casa de Priscilla e Aquila (v. 3).

Rom. 16, v. 16: «Todas as igrejas de Christo vos saudam». Temos ouvido muitas vezes a condemnação que não se deve usar do nome—Igrejas de Christo—mas somente—Igrejas de Deus.—Aqui, portanto, é o Apostolo Paulo que chama—«todas as igrejas de Christo», e quando elle assim faz, nós podemos fazer o mesmo.

1ª Cor. 11, v. 16: «As igrejas de Deus» Aqui temos o mesmo como—igrejas de Christo.—Christo é Deus, e portanto as igrejas de Christo são igrejas de Deus, e as igrejas de Deus são igrejas de Christo. Tanto faz usar um nome como outro, e o Apostolo Paulo usou ambos.

1ª Cor. 14, v. 33: «As igrejas dos Santos». Isto mostra não a propriedade, mas a qualidade. Os crentes são «santos» e as

suas assembléas ou igrejas são de pessoas santas.

1ª Cor. 16, v. 1: «As igrejas da Galacia». Tambem indica o lugar e que allí existia mais de uma assembléa, é o plural—igrejas. O mesmo no v. 19: «As igrejas da Asia».

2ª Cor. 8, v. 1: «As igrejas de Macedonia».

Gal. 1, v. 22: «As igrejas da Judeia».

Col. 4, v. 16: «As igrejas dos Laodicenses».

1ª Thess. 1, v. 1: «As igrejas dos Thessalonicenses».

Nestes dois casos o titulo é dado segundo o nome dos habitantes e do lugar—igreja dos Laodicenses (de Laodicéa); igreja dos Thessalonicenses (de Thessalonica).

Isto auctorisa-nos a usarmos do nome—Igreja Fluminense, porque Fluminense significa—do rio—e o lugar ou cidade onde estes crentes acham-se chama-se (Rio de Janeiro).

Assim como o Apostolo Paulo chamou aos crentes de Laodicéa—Igreja dos Laodicenses, e aos crentes de Thessalonica—Igreja dos Thessalonicenses, se elle tivesse de escrever aos crentes do Rio de Janeiro, os chamaria—Igreja dos Fluminenses (ou do Rio de Janeiro).

No mesmo sentido elle chama—Igreja da Judéa, Igreja da Galacia, Igreja da Macedonia, Igreja da Asia, etc.

1ª Tim. 3, v. 15: «A Igreja de Deus vivo».

Heb. 12, v. 23: «A Igreja dos primogenitos».

Refere-se aquelles crentes que primeiro se ajuntaram no céo.

Apoc. 2, v. 1: «A Igreja de Epheso».

Apoc. 2, v. 8, 12, 18; cap. 3, v. 1: «A igreja em Smyrna».

«A igreja em Pergamo».

«A igreja em Thyatira».

«A igreja em Sardes».

Tudo indicando as igrejas segundo as suas localidades, e então o plural: «Aquelle que tem ouvidos, ouça o que o Espirito diz—«às igrejas» (Apoc. 3, v. 6). Estas declarações da Palavra de Deus provam que ella e o Apostolo Paulo não faziam questão de nomes, e não estabeleceram um mandamento que—Igreja de Deus—seja o unico nome para ser usado e os outros condemnados.

O que não achamos na Palavra de Deus é—Igreja Presbyteriana, Igreja Baptista, Igreja Methodista, e outras, mas estes no-

mes nasceram da divisão que infelizmente existe entre os christãos, e que as circunstancias obrigaram para que as Igrejas definissem as suas crenças tomando um nome equivalente.

O mal está nos erros que se tem introduzido na Igreja e por isso a Igreja se dividiu estabelecendo cada uma o que entendia ser de conformidade com a Palavra de Deus. A falta de uma interpretação correcta e unanime que una todos os christãos em um pensamento dividiu a Igreja. Assim como o Apostolo Paulo usava de nomes para com as igrejas, segundo as suas circumstancias, assim estes christãos vendo a necessidade de definirem o que criam e julgavam ser de accôrdo com a Palavra de Deus, (depois da corrupção) tomaram nomes que expressassem as suas crenças. Chama-se, portanto, Igreja Presbyteriana porque o Governo de Presbyteros é usado por ella, e que Presbyteros e Bispos são os mesmos officios ou cargos nas Escripturas.

Igreja Baptista porque João, o Precursor de Christo foi chamado Baptista por baptisar. Esta igreja entende que só ella é que baptisa, tendo a immersão só como baptismo.

Outras igrejas tambem baptisam, ainda que não accéitam a immersão como o unico baptismo.

Igreja Methodista é uma divisão da Igreja Anglicana (ou Inglesa), e como no seu principio adoptava certos methodos, foi appellidada Methodista.

Igreja Episcopal, porque entende que o Governo deve ser de Bispos, em opposição ao Governo Presbyteriano.

Igreja Congregacional, porque crê que cada igreja é independente e que o povo ou congregação é o seu governo, tomando parte em seus trabalhos juntamente com seus Presbyteros e Diaconos.

Melhor seria que taes nomes não existissem e que só—Igrejas de Deus—ou Igrejas de Christo—fosse o unico, mas como distinguir ou conhecer as crenças do povo christão, infelizmente dividido?

Em um exercito ha diversos regimentos e batalhões, e como podem ser conhecidos se não tiverem alguma cousa que faça a distincção.

Para haver um só nome seria necessario uma unidade de doutrinas, de governo, de pratica, etc., mas essa unidade está provado ser impossivel.

Aquelles que tanto apregoam a unidade e condemnam as seitas, estão divididos em muitas seitas e grupos, em opposição uns aos outros.

Por causa da Igreja Romana, que se tem afastado do Evangelho, tambem tem se adoptado o nome—Igrejas Evangelicas—para significar que são Igrejas segundo o Evangelho e não romanas. Os que condemnam as mais igrejas porque usam esses nomes, e não os de «irmãos» (quando somos tambem irmãos e nos tratamos como taes) não nos podem atirar a pedra. Só aquelle que estiver sem falta pode atiral-a, (João 8, v. 7), mas quando elles dividem-se em tantos pontos e formam suas «Assembléas» que mutuamente se excommungam, então devem calar-se e chorar commosco pelo estado da igreja universal. Sentimos que em certo sentido não somos todos «um» como Nosso Senhor Jesus Christo recommendou, mas nenhuma igreja pôde assumir a auctoridade de ser ella a unica Igreja de Deus, ou Assembléa de Deus, collocando-se como se fosse infallivel, dizendo—nós somos como a Igreja de de Philadelphia, (Apoc. 3, v. 7 a 10) a unica entre as sete igrejas que o Senhor elogiou!

Vós, as seis igrejas, que representam seis periodos da igreja estaes todos corruptos, mas nós somos como aquella de Philadelphia que representa um periodo perfeito, uma igreja perfeita no meio de toda a corrupção!

Por estes, que dizem ser de Philadelphia, são as mais igrejas consideradas impuras, e separaram-se dizendo que a Escriptura assim manda e citam 2^a Cor. 6, v. 17.

Os Fariseos tinham-se por mais religiosos e puros do que os outros homens, e o nome que tomaram—Fariseo—significa—separação—porque separaram-se dos demais Israelitas. O que elles eram, o Senhor Jesus diz em S. Matheus XXIII. Ainda que não queremos chamar de Fariseos aos irmãos que separam-se dos outros, que são melhores e condemnam os mais crentes e outras igrejas, não podemos deixar de apresentar o seguinte hymno, que transcrevemos de um de seus livros, e deixar ao leitor a analyse e comparação delle.

Eis aqui o hymno de separação:

«Graças, que nos abriste
Os olhos, para ver
O nosso engano triste;
Fazendo perceber

Que as seitas só deshonram
A Ti, e a desunião
Que rasga a Tua Igreja
Magoa-Te o coração.

—
Embora não possamos
As divisões sarar,
Contudo procuramos
As proprias mãos lavar :
Já do arraial sahidos,
Deixamos de admitir
Qualquer extranho nome
Para nos distinguir.

—
De outro qualquer corpo,
Terreno ou associação,
Ficamos *afastados*
P'ra conservar a união
Da qual Tu mesmo és centro,
Cabeça e Regedor,
E o Teu Espirito Santo
Solo Administrador.

—
Commentario. — Lucas, 18, v. 10, 14.
Comparando esta passagem com o hymno acima, manifesta-se o espirito de um se ter melhor e recto cumpridor de seus deveres religiosos, ao mesmo tempo condemnando o outro que se julgara indigno e se humilhara diante de Deus. Eis a separação e o juizo condemnando os outros christãos. Esses irmãos condemnam os outros nomes de Igrejas, as Sociedades Biblicas, Associações Religiosas, Evangelicas, Christãs.

Condemnam o uso de propriedades, casas compradas para culto e pregação do Evangelho. Condemnam tudo nos mais christãos, e então separam-se delles porque estão immundos no meio das seitas e dizem :

«Embora não possamos
As divisões sarar,
Contudo procuramos
As proprias mãos lavar :
Já do arraial sahidos, etc.
De qualquer corpo,
Terreno ou associação,
Ficamos afastados, etc.

Afastados de todos os mais christãos, lavadas as mãos e sahidos do arraial das seitas, outras divisões e dão graças porque não são como os mais homens! O que são? Mais santos, mais zelosos, mais espirituaes, mais dedicados a Deus e a nosso Senhor Jesus Christo do que os mais christãos? O Senhor seja o Juiz,

A obra de cada um será manifesta, por-

que o dia do Senhor a demonstrará, porquanto em fogo será descoberto, e qual seja a obra de cada um, o fogo o provará. (1.ª Cor. 3, v. 13). Reconhecemos as nossas imperfeições, mas amamos a Deus, a Jesus e a Palavra de Deus. Por Jesus trabalhamos sem interesse pecuniario ou material, e muitos daquelles de quem «os irmãos» separam-se e tem por immundos, são servos de Deus, dedicados de coração a nosso Senhor Jesus Christo.

Não damos graças a Deus por sermos melhores, mas reconhecemos as nossas faltas, e enquanto vós tomaes a posição do Fariseo, nós tomamos a do Publicano, «porque todo o que se exalta, será humilhado, e todo o que se humilha, será exaltado». (Lucas, 18, v. 13, 14).

JOÃO M. G. DOS SANTOS.

As Catacumbas de Roma

(Traducção)

CAPITULO VI

ROMANISMO, CHRISTIANISMO ADULTERADO
E CORRUPTO

(Continuação)

Nas campas de seus esconderijos discernimos as primeiras germinações e lemos a historia desta corrupção, que nunca chegou ao seu apogéo senão muito tempo depois de serem fechadas as catacumbas como cemiterios christãos. (1)

Primeiro vejo um *sentimento* pio suspirado em oração sobre uma sepultura e grosseiramente riscado na pedra pela mão de um amigo amoroso e triste, como o seguinte :

DOCE FAUSTINA, VIVE EM DEUS,
ZOTICUS, REGOSIJA-TE.
BOLOSA, DEUS TE FORTALEÇA.

Tendo assim se acostumado a dirigir-se aos mortos, veio então o proximo degrau de decadencia — a expressão de esperanza de que os mortos, estando com Christo, pudessem utilizar-se de sua influencia a favor dos que ficaram na terra.

A *unica* inscripção deste character na Galeria Lapidaria, cuja data é desconhecida, reza assim :

GENTIANUS, CRENTE, EM PAZ; VIVEU
XXI ANNOS, VIII MEZES E XVI DIAS.

NAS VOSSAS ORAÇÕES ORAI POR NÓS;
PORQUE SABEMOS QUE ESTÁS EM CHRISTO.

Veio então o actual costume de orar á beira da sepultura dos mortos, e de procurar auxilio nas suas orações intercessoras; o que evidentemente começou a ser praticado antes de expirar o seculo *quinto*; então seguiu-se, como era natural, quando a luz do glorioso Evangelho ficou escondida, a remoção dos ossos dos fallecidos para santificar alguma igreja e para tornar efficazes as orações feitas a seu lado; finalmente veio a adoração da *imagem* ou *pintura* do fallecido; e assim reviveu-se, em tudo menos no nome, a idolatria do pagão, ignorante e aviltado. Com muita razão, diz o Dr. Maitland, «o Pantheon de Roma, originalmente dedicado a *Jupiter e a todos os deuses*, foi dedicado á *Virgem Maria e a todos os santos*; o edificio parecia ter sido christianisado, porém, na verdade, o christianismo é que foi paganisado. *Homens* preparados são alli adorados, pouco importa porque nomes são invocados.»

E' tão facil descer quando estamos numa rampa. Aproximemo-nos mais do que nunca á adoração espiritual, nunca esquecendo-nos da promessa do Grande Mediador aos que crêm nelle: «Tudo o que pedirdes ao Pai *em meu nome*, elle vol-o fará»; e tendo sempre em vista que na Escripura inspirada está declarado que «Elle vive sempre para interceder por nós.»

Mas ainda não acabei de fallar do CULTO DOS SANTOS. Na «profundidade que exploramos ha uma «ainda mais profunda.» A Igreja de Roma tendo abandonado a direcção das Sagradas Escripuras, largado «o guia de sua juventude» e se esquecido «do concerto de seu Deus», parece parece ter sido levada a cahir em erro tão palpavel e obvio, que poderá servir de sobre-aviso aos verdadeiros seguidores de Christo para não se deixarem levar pelos seus afagos ou para não serem illudidos pelas suas altivas pretensões.

Do culto aos *espíritos* desencarnados; os *restos mortaes*; e então as *representações* —de santos; ella cahiu no disparate de levantar mediadores imaginarios, que *nunca existiram*. As declarações que trarei perante o leitor, sob outras e menos sérias considerações, provocariam o riso; mas ellas bem podiam fazer derramar lagrimas a favor da natureza humana ignorante e e decabida. Todas ellas são derivadas dos escriptores catholico-romanos.

Pode-se buscar a origem deste erro nas

reliquias encontradas nas Catacumbas de Roma.

Mabillon, fallando destas reliquias, diz: «Exhumaram-se duas especies de corpos: uma sem nome nem inscripção; outra com um ou ambos. Os santos da primeira especie *tem nomes que lhes foram dados pelo Cardeal Vigarario; ou pelo Bispo* que preside á Capella Pontificia. Santos desta descripção *dizem-se* baptizados.» (4)

Mas não se declarava *santos* e dava-se *nomes* unicamente a pobres ossadas humanas; muitas dellas eram tambem elevadas a *martyres*. Uma «Santa Congregação de Religião» reunida em 1668, publicou o decreto: «A Santa Congregação tendo examinado cuidadosamente o assumpto, resolve que a palma e o vaso (taça) tinta de sangue seja considerada como *os signaes mais conclusivos de martyrio*. A investigação de outros symbolos fica adiada por emquanto.» (5)

Emquanto os archeologos discutem a substancia encontrada a colorir certas taças collocadas na sepultura; estando divididas em opinião entre *vinho, sangue e especiarías fragrantés*, a «Santa Congregação» entra e decide a questão, elevando os donos das sepulturas á corôa de martyrio: demonstra inesperada moderação e sabedoria em adiar «presentemente» a consideração de outros symbolos.

Raoul Rochette falla-nos acerca de um destes martyres fabricados; e, apezar de ser romanista, exprime sérias duvidas quanto ao caracter genuino do artigo. Este novo santo adoptado tão recentemente (em 1803), foi transportado de Roma a Perugia; na sua campa achava-se representada uma tenaz e as palavras:

D. M. S. (*Consagrado aos manes divinos*—formula pagã.)

BERNERUS VIVEU XXIII ANNOS E VII MEZES

Sobre esta inscripção M. Rochette observa: «Na ausencia de qualquer *signal certo do Christianismo*, este instrumento pôde ser considerado como pertencente á sua profissão. Bernerus, portanto, poderá ter sido um pobre ferreiro, *christão, se quizerdes* (ou pagão); concordando melhor esta ultima supposição com o caracter de seu epitaphio, exceptuado o vaso de sangue (?) achado em sua sepultura, que é considerado como um signal de santidade de Christo. (6)

O proprio Bernerus—ou mais provavelmente Venerius—era sem duvida um fer-

reio pagão e agora é *incontestavelmente* um martyr na gloria — esperemos caridosa-mente que elle o seja; em todo o caso, aprendamos a ter cuidado como, com os nossos julgamentos falliveis e ignorancia do coração dos homens, seguimos taes exemplos e exercitamos as prerogativas de Deus de separar e distinguir os santos dos peccadores a não ser pela prova de Deus; (7) e que todos os christãos rendam graças a Deus porque a sua acceitação ou rejeição não dependerá das adivinhações ou supposições de archeologos ou mesmo de um «Concilio de Reliquios», pois certamente está escripto: «O SENHOR conhece aos que são Seus.» (8)

(1) Na Galeria Lapidaria (se não for arrojo tirar uma conclusão summaria sobre o conteúdo de collecção tão vasta) o nome da Virgem Maria «não apparece nem uma só vez.» Nem tampouco é encontrado «uma unica vez» em qualquer inscripção verdadeiramente antiga e ntida nas obras de Avinghi, Boldetti ou Bottari. Se qualquer excepção fôr descoberta, não enfraquecerá o contraste espantoso que neste tempo existe entre as igrejas primitivas e as da idade média. «Church in the Catacombs.» pag. 333.

(2) «Church in the Catacombs», p. 301.

(3) «Assim», diz Mr. Withrow, «no decurso do tempo, desenvolveu-se uma vasta hierarchia celestial dotada dos attributos da Deidade, usurpando o officio intercessorio de Christo e rivalisando o polytheismo do paganismo. Os christãos primitivos repudiaram a adoração de qualquer santo ou anjo ou a intervenção de qualquer mediador com Deus a não ser Christo. «Adoramos o Filho de Deus», escrevem os Anciãos de Smyrna: «porém aos martyres unicamente amamos.» «Não sacrificamos aos martyres», diz Agostinho, mas ao unico Deus, tanto delles como nosso; «nem consiste a nossa religião», ajunta elle com indignação, de adoração dos mortos.» «Foi o demonio que introduziu esta homenagem aos anjos», diz Chrysostomo; e o Concilio de Laodicéa. (A. D. 361) prohibiu a sua invocação como idolatra e como uma renegação de Christo.» — «Catacombs» de Withrow, pags. 448—449.

(4) Posthumous Works de Mabillon, vol. II, pags. 251. 287.

(5) «Church in the Catacombs», pag. 174.

(6) Memoirs de l'Academie de Belles Lettres et d'Inscriptions, tom. XIII, citado na obra «Church in the Catacombs», pag. 181.

(7) «Pelos seus fructos os conhecereis.» Mat. VII. 16, 20.

[8] 2 Tim. II. 19.

Portugal

NOTICIAS DIVERSAS

Por uma carta recebida ha tempos, sabemos que a festa do Natal na Estephania, em Lisboa, promovida pelo Sr. Julio de Oliveira, excedeu a toda a expectativa.

A festa, que teve lugar na vespera do Natal, compareceram cerca de 700 pessoas.

O espaçoso salão estava todo ornamentado com flores, folhagens, estrellas e escudos com textos das Escripturas. Ao fundo achava-se um pinheiro, que representava a arvore do Natal, enfeitado de flores, laranjas, brinquedos para as crianças, illuminado por 50 lampadas de vidros de côres que lhe dava um aspecto deslumbrante.

O Sr. Bellarmino foi quem enfeitou o salão e quando fez a sua entrada foi recebido com uma merecida salva de palmas, dizendo muitos que nunca tinham visto uma festa tão imponente.

O programma foi muito bem organizado e constou de discursos pelos Srs. Manoel dos Santos Carvalho, Antonio Rodrigues, Canuto, Guilherme dos Santos Ferreira, Manoel Miranda Rego, José Augusto Santos e Silva. Os meninos cantaram o hymno do Rev. Moreton «Deus me chama para o céu. 32 meninas e 21 meninos recitaram versiculos da Escriptura. O Sr. Julio de Oliveira entregou a cada um, como premio, um volume annual, encadernado, do *Amigo da Infancia*.

Diversos meninos e meninas recitaram 11 poesias. Os meninos cantaram o hymno *Vinde!* do Rev. Moreton.

A oração de abertura e de encerramento foi feita pelo Sr. Julio de Oliveira, que deverá estar jubiloso pelo brilhante exito dessa festa.

A pedido de muitos, o salão esteve em exposição por 3 dias.

— Recebemos ha bastante tempo uma carta do nosso irmão Alfredo da Silva, presidente da União de Moços do Porto, que nos dá animadoras noticias sobre o progresso do Evangelho em Lisboa, confirmando o que já dissemos em noticias anteriores.

Sentimos não ter espaço para transcrever a carta, como era do nosso desejo. Transcreveremos o seguinte trecho:

«Parece que Deus está accordando agora este pobre povo. Unamo-nos, pedindo que assim seja. A semente esta lançada, Deus pôde dar o crescimento. O Sr. Julio de Oliveira tem gasto muito dinheiro, mas Deus agora lhe dá a consolação. Eu creio que Deus está mostrando a necessidade de crear aqui uma igreja, que tem todos os signaes de ser uma das principaes de Lisboa.»

As Associações (Unões) de Moços vão fazendo muito progresso. «Todos são unanimes em attribuir um despertamento que

se nota por toda a parte ao trabalho da União.» Já ha quatro Associações de Moças. (União Femininas).

Tratava-se presentemente da fundação de mais um jornal evangelico, cuja falta se sente cada vez mais.

Sobre o caso de Mashoba, prégador portuguez evangelico, que foi preso em Lourenço Marques por ordem de Mousinho de Albuquerque, com a imputação falsa de ter animado Gungunhana contra o dominio portuguez e que foi desterrado para a ilha da Cabo Verde, sem fôrma alguma de processo, o Sr. Alfredo da Silva communicanos que se acha em bom pé o pedido feito para retrair-o daquelle martyrio, onde o jesuitismo o collocou.

Que o pedido seja attendido breve, é o desejo de todos os irmãos.

—Ao Sr. Alfredo da Silva os nossas parabens pelo menino Luthero que no dia 7 de Dezembro ultimo Deus lhe concedeu.

Que, como o seu homonymo do seculo XVI abale o mundo, são os nossos votos.

A Maçonaria e o Crente

I

A religião do maçon é a propria maçonaria.
... «Têm medo d'Ellé, e não O amam»
[Gen. 3:1; Rom. 8:7; Luc. 5:8].

Em primeiro lugar, continuando o artigo precedente de *que ninguém pôde servir a dois senhores*, direi que a Igreja protestante é, no testemunho da propria Biblia e no de notaveis theologos, muito mais fôrte do que qualquer outra para debellar os males que possam apparecer para nos assolar, suffocar as suspeitas odiosas e iniciar a aurora resplandecente d'um dia novo para os viciados, impuros e corruptos; porque, bem sabemos, ella é a unica que interpreta fielmente o Evangelho.

Ella tem submettido os povos ao governo de Deus e por elles têm vivido satisfeitos com essa submissão, que implica, como bem dizem, um conflicto com o *diabo*.

D'ahi começa a revolução dos espiritos. E o empenho do espirito maçon. — que influencia sobre os nossos Ir. — tem servido não para identifiçal-os com a PALAVRA (1) viva e efficaç em discernir os pensamentos e intenções do coração, mas como que affastal-os dessa união, isolal-os, ora procurando imprimir-lhes um cunho accentuado de preceitos anti-sociaes, ora um character que vem quebrar a unidade christã

Crêr-se-hia, se outra fosse a *ingenuidade*, que não tenha sido essa a *inclinação* da maçonaria; mas, no caso presente, vemos o contrario, vemos que as leis divinas estão em diametral opposição com esses impios propositos, mesmo porque o Espirito Santo diz que é proprio do insensato andar em trévas: «*stultus in tenebris ambulat*» (Eccl. 2.14). Ainda mais: «*todos os que entrarem n'ella não tornarão a sahir e não atinarão com as veredas da vida.*» Aquella inclinação, portanto, envolve a confissão da idolatria e do atheismo, conforme ainda podemos verificar pelo testemunho imparcial que se encontra no *livro sagrado* do Ir.: Ragon, que falla muito bem a respeito de *Osiris* e seu culto no Oriente, negando, por isso, homenagem á Divindade. Ouçamol-o:

«*Osiris é o astro do dia, ou o principio da luz e do calôr. Depois de ter percorrido o universo, morre pela traição de TIPHON; se este crime é commettido sob o signo de Escorpião; se seus membros espalhados são reunidos pelos cuidados de sua esposa; se resuscita emfim, é que o SÓL, depois de ter percorrido sua estrada celeste, parece no fim do anno succumbir e morrer, para renascer logo depois, mais brilhante e mais bello. Assim toda a historia deste deus, que o povo adorava com a cabeça no pó, era para o iniciado sómente um *thema celeste* (Cours phil. des init. pag. 144).»*

Esperamos, pois, que mal não queiram a nós os Ir.: e cohibam as suas exageradas opiniões ácerca dos *sapateiros*, das ovelhas seguras pela mão de Jesus, e, obedecendo ás nossas razoaveis apreciações, volvam todos com confiança ao Evangelho, que não pôde ser offuscado pelo brilho faiscante das *pedras falsas*...

Reflectam em tudo isso e terão de chegar á seguinte conclusão: a *idéa de Deus* na maçonaria *não conserva* a UNIDADE d'um mesmo *espirito*, mas sim, como diz o DR. MACEDO SOARES, «*na essencia todas as religiões são identicas, e exprimem a verdade.*» Sem baixarmos a mendigar, basta advertir que não ha tractado de philosophia, geographia ou historia, onde não se encontre *diversidade de essencia e fôrma* ás religiões conhecidas.

Sabemos que o sentimento religioso do christianismo se contradiz com o do *budhismo*, *anthropomorphismo* e feticchismo asiatico, justamente porque as verdades essenciaes d'aquelle não se conformam com as theorias orthodoxas dos demais. Como,

pois, se admittir o racionalismo e o naturalismo? Como se admittir a rejeição da trindade e Divindade de Jesus Christo? Como se admittir o livre pensamento de Rousseau? Como se admittir o pantheismo e o materialismo?

Vamos exhibir outro documento, que peiora a proposição acima, a primeira parte, e peiora a posição dos Irm.:

Eil-o :

«A IDÉA DE DEUS é que divide mais os *pedreiros livres*. Não é necessario ter assistido com muita frequencia ao interrogatorio dos candidatos para qualquer se convencer da verdade desta asserção.» (*Monde maçõn* —Out. 64).

E fallando mais em particular do maçõn. diz o *Monde maçõnique*:

«Ao passo que uns admittem simplesmente o Deus pessoal, remunerador e vingador, do cathecismo, outros representam todas as furta-côres do pantheismo, aggregando-se, conforme as tendencias e as affinidades de seu espirito, ás theorias hermeticas, á theologia indica, á philosophia de Spinosa, ou ao mysticismo anodino e vaporoso do Sr. Renan.»

Ainda mais: folgamos em poder applicar aqui o testemunho d'aquelle periodico a respeito da sentença proferida pelo Dr. Soares, que proclamou ha tempos a liberdade de cultos. Folgamos immensamente em apresentar uma prova do deismo, ou a negação da Revelação na maç. Esta prova, necessaria como é, applica-se bem ao caso, defende a nossa proposição e combate a revelação immediata.

Continuemos :

«Os *deistas* são em grande numero, e reconhecem e adoram a Deus pela razão como Voltaire, ou pelo sentimento como Rousseau; *differindo no fundo* em suas doutrinas e em suas aspirações, pelo menos, tanto como os *pantheistas*; e contando entre elles, infelizmente, *alguns vingadores officiosos da divindade*, que tomaram á leira o epitheto de *deistas* com que se adornam, e que occasionam em todas as partes onde se apresentam, tanto *tumulto* como os sectarios mais *intolerantes*.»

Vejamos, agora, o que diz o *Monde maçõnique* a respeito do atheismo—que já nos referimos acima.

«O pequeno numero talvez (sic), mas certamente o não menos obstinado, nega finalmente (*a existencia de Deus*), como os crentes a affirmam (pag. 385—386).» Deixo,

entretanto, de parte a allusão que elle faz da negação da *existencia de Deus e da immortalidade da alma*.

Agora, contra o *progresso* e o desejo *aspirado* pela maçonaria n'essa epocha, mas que em 1870 já tinha realisado; contra essa aspiração protestou o ir.: Regold nos seguintes termos: «5º Em face de tal perigo, o abaixo assignado vem protestar, assim em seu nome como no de todos os *deistas*, contra a suppressão *projectada*, e a esta hora já recebida por um certo numero de Lojas em Paris, no preambulo do projecto da nova constituição do Grande Oriente; isto é, a suppressão da *crença em Deus e na immortalidade da alma*.»

Este documento foi dirigido ao Marechal Magnan com a data de 3 de Novembro de 1864.

Fica provado, julgo, com muita clareza, que além mar a maçonaria tem sido inimiga do christianismo, esquecida inteiramente do principio essencial e privativo da Religião christã, conforme está firmado nestas palavras: «Dae a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.»

Vem muito a proposito citar aqui o testemunho de Voltaire, um dos apologistas do deismo *francez*, sobre Jesus Christo, a quem tinha votado tanto odio, que exclamou: «Destruí o infame!»

Entretanto, leitores, não sei se seria melhor calar-me diante destes e outros factos, porque sei que clamo no deserto, e ainda serei taxado de ignorante, máo (quando não fôr *sapateiro*), sem tirar o minimo proveito das minhas escavações, para desfazer e despir não só as *roupagens antigas* dos Ir.: como trócar o *avental de aprendiz* pela constancia do padecer na nobre conquista da evangelisação, que será a bemfeitora dos nossos patriçios e de todos aquelles que aqui vivem com o *signal de horror* estampado em suas physionomias.

Por isso é que eu não cessarei de escrever, pouco me importando com o resultado que dessa tarefa possa tirar: ficando, porém, certo de que a causa do Evangelho não profana a ninguém e tampouco consente que *sirvamos a dois senhores*, sendo, ainda mais, que taes *senhores*, sujeitos á *raça, á côr ou á religião* (?), não se pôdem erguer do fanatismo das seitas para dar-nos uma obra meritoria, digna de uma aceitaçãõ e, ainda menos, da graça divina.

Concluirei este artigo com a seguinte observação:

O que diz a Biblia a respeito da união entre Christo e os fiéis? Ella responde no seguinte versículo: « Vós sois o corpo de Christo e membros em particular (Rom. 12: 5; 1 Cor. 6:15; 12: 27).

«Aos irmãos em Christo é bom e suave habitarem em união (Ps. 113: 1) Logo, todos aquelles que têm sido trasidos para Deus por Christo, tem o dever *associar-se* para o culto, *serviço* de Deus e *edificação mutua* (Math. 18: 17; 28: 19, 20; 1 Cor. 11: 24; Heb. 10: 23-25) Nosso Senhor Jesus Christo assim o ordena, e o Espirito Santo operando nos corações dos fiéis, os impelle graciosamente a chegar-se uns para os outros e a sentir prazer na sociedade mutua.» Portanto, pergunto, todos os maçons são fiéis (a julgar pela companhia que lhes dão os Ir.:)? Não; porque n'elles não ha « o ensino e acceitação da Palavra de Deus em toda a sua pureza: » e isto implica que elles estão isento da *communhão*, dos *cuidados* e *admoestações fraternas* da Igreja. Considerado por esse lado, não podem ser tidos como membros em particular, *pedras vivas*, da Igreja. Uma de duas: ou a maçonaria irregularmente, hypocritamente (salvo a offensa) inculca-se christã, e reconhece a sua fraqueza e o seu atheismo não se filiando á congregação dos salvos; ou, então, sendo uma «communhão de fiéis,» tirada do Evangelho como dizem os Ir.: não obedece as prescripções n'elle contidos para a gloria de Deus e salvação das almas, e ainda menos para levar por diante a obra gigantesca que trouxe ao mundo o Senhor Jesus. « O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.» (Luc. 19: 10). Logo por conclusão, a maçonaria não ama o Ente eterno, nem O teme.

E concluímos, por hoje, esperando a opinião dos *theologos* que apparecem n' *O Estandarte* e n' *O Expositor Christão*.

ANTONIO MARIA

Rio 24 de Fevereiro 99.

PASSA TRES

O Sr. A. Marques escreve desta localidade, com data de 23 do passado as seguintes linhas, para as quaes chamamos a attenção dos leitores:

« Estas poucas linhas são para informarche alguns factos deprimentes de nossa civilização, que se deram no Arrozal de São Sebastião, deste Estado, no Domingo 12 do

vigente, quando eu prégava o Evangelho. Nesse dia chegámos, eu, o Sr. Manoel Palmeira e um seu filho, nessa localidade, contra a nossa expectativa, já muito tarde, devido aos máus caminhos e rios cheios porque tivemos de passar.

Chegando alli já encontrámos o nosso irmão Joseph Orton e outros amigos e irmãos de Cacaria e Mathias Ramos, o que muito alegrou-me.

Como sabe, fui alli inaugurar com a pregação do Evangelho, uma casa que lá temos para este fim, arranjada pelo Capitão Luiz Soares.

Logo ao chegar, me informaram de diversas ameaças, ouvindo eu mesmo algumas indirectas, como a seguinte:— *Vejam ahi meu cacete, que tenho muito que fazer com elle hoje.*

A's 12 1/2 da tarde, mais ou menos, começámos o Culto com a assistencia de mais de cem pessoas, estando presentes os Tenentes Coroneis José Raymundo, Luiz Soares, Capitão João Raymundo, muitas outras pessoas gradas do municipio, cujos nomes não sei, e muita gente do povo, tanto dentro como fóra da casa.

Tudo correu muito bem até uma meia hora, quando fui interrompido por muitos gritos de fóra e *morra* os Protestantes.

Esperando, em vão, algum tempo, que cessasse aquelle rumor, sahi do logar em que estava á uma janella para dar algumas palavras, mas fui agredido por um homem que ameaçando-me disse-me muitos improperios.

Depois, finalmente, de muitos insultos, injurias e obcenidades atiradas a nós e á Causa Santa do Evangelho, podemos, eu, Sr. Orton, Sr. Palmeira e outros Amigos, apasiguar os arruaceiros, continuando o Culto, que terminou na melhor boa ordem com sermão, canticos entusiasticos e fervorosos e com oração a Deus a favor de Sua Causa e dos adversarios.

Depois do Culto terminadô, um amigo disse-me que nessa ultima parte do Serviço Divino, tres *Cabras* ainda entraram dentro de casa com o fim de me arrastarem da mesa onde estava prégando, deixando de realizarem o seu malevolo plano, por causa de desavenças entre elles, motivadas por um recusar fazer o que tinha promettido.

Não satisfeitos com tudo isso, ao sahirmos da Freguezia fizeram subir muitos foguetes.

Deve ser responsabilisado por todos estes

actos e scenas desmoralisadoras de nossa civilisação, o Sr. Arlindo Leão, que estando perto do local em que se deram esses actos deprimentes, no estabelecimento de São Pae, não se dignou como auctoridade, vir apaziguar os exaltados e tomar conhecimento do que se deu. E' bom dizer tambem, que um dos Chefes e promotores dos disturbios, era um irmão desse senhor, Tristão Leão.

A despeito da má vontade de nossos adversarios, o Culto foi de muito proveito e animadissimo, agradando a prégacao simples do Evangelho a muitas pessoas importantes que se acharam conosco.

Sahimos d'alli alegres e cheios de esperanças e tão cedo quanto nos for possível lá voltaremos.

Terminando estas linhas, não posso deixar de agradecer aos nossos irmãos de Cacaria e Mathias Ramos e a outros Amigos, o procedimento calmo e Christão que tomaram para accomodar os exaltados.

Que Deus abençõe a todos juntamente com os nossos adversarios e toda a população do Arrozal, é a nossa sincera prece.

Vosso Irmão em Jesus,

A. MARQUES

Sociedade Biblica Britannica

Por esta sociedade, no Brazil, venderam-se em 1898—2.860 Biblias, 5.169 Testamentos, 11.825 porções, que deram um total de 19.854 volumes.

Fez donativo de 47 Biblias, 51 Testamentos, 252 Porções, num total de 350 volumes.

Recebeu 10:471\$710 de vendas de Escripturas, e gastou 38:673\$440, havendo a differença de 28:201\$730 para mais nas despezas.

Isto demonstra que a Sociedade Biblica não é uma casa de negocio, pois todos os annos gasta mais do que recebe.

Cartas recebidas pelo agente em 1898; 637; remetidas, 398.

13 colportores visitaram os Estados de Matto Grosso, S. Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Goyaz, Parahyba do Norte, Alagoas, Maranhão, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco.

João M. G. dos Santos, agente no Brazil por 20 annos. Rua Sete de Setembro, 71, Rio de Janeiro.

IGREJA EVANGELICA FLUMINENSE EM 1898

Pessoas recebidas como membros, 18; fallecidas, 4; excluidas, 4; retiradas, 5.

Escola Dominical: assistencias, 3.304.

Collectas para os pobres, 2:460\$590; beneficencias aos pobres, 2:532\$560.

Collectas nos Domingos, para a manutenção do culto, 275\$170; para a Evangelisação, 318\$620; para o Hospital Evangelico, 112\$200; para a nova casa de oração em Nitheroy, 76\$300.

As contribuições e donativos para a manutenção do culto, serão mencionadas no relatorio da administração do Patrimonio desta igreja, que será publicado.

A Sociedade Christã de Moças, União Evangelica de Senhoras, Sociedade Evangelica de Convites e Sociedade de Evangelisação, todas em connexão com esta igreja, publicarão os seus relatorios em outra occasião.

Cartas e avisos relativos ao serviço da igreja, recebidos pelo pastor, 4; remetidos, 220.

João M. G. dos Santos, pastor por 23 annos, rua Barão de S. Felix n. 82, Rio de Janeiro.

IGREJA EM PASSA TRES

Membros arrolados, 69; fallecidos desde a organisação, 6; excluidos, 2; transferidos, 1; cujo paradeiro não se sabe, 1; membros em plena communhão, 59; collectas para os pobres; 320\$560; beneficencias para os pobres, 64\$500; recebido para a manutenção do culto, 187\$200; despezas, 187\$720; contribuição para a Sociedade de Evangelisação, 18\$000.

Antonio Marques, pastor. Passa Tres.

NOTICIARIO

Nascimento.—O Sr. Ulysses de Mello, participa-nos o nascimento de uma menina, a que deu o nome de Perside; pelo que o felicitamos.

Despedida.—Recebemos um bilhete postal do Rev. S. L. Ginsturg despedindo-se e offerecendo os seus prestimos nos Estados Unidos, para onde foi no dia 20 do corrente.

Agradecendo, desejamos-lhe uma feliz viagem.

De passagem.—Partiu para a Inglaterra no dia 8 do corrente o sr. James Fanshott, representante da Missão *Help for Brazil*, acompanhado de Miss Melville que vai passar uns seis mezes com sua familia, de dois filhos do sr. Holms de Santos, e do sr. Kingston e sua esposa, que a elles se reunirão em Pernambuco.

Desejamos-lhe uma viagem muito feliz.

Fallecimentos.—O sr. Mac Carthy, que veio da Inglaterra em 1897, por conta da missão ingleza *Help for Brazil*, e que mais tarde tornou-se pastor da Igreja Baptista, falleceu no dia 21 do passado, na estação de Palmeiras.

Deixa viuva e um filhinho, que seguiram para a Inglaterra com o sr. Faustone.

Pezamos a sua familia.

—O irmão Rufino de Menezes teve o desgosto de perder de vista, ainda que por um pouco de tempo, e seu filhinho de 5 mezes, fallecido em Fevereiro, no Riachuelo.

Nossos pezames.

Jornaes.—Recebemos a visita d'*A Reforma*, folha ha longos annos redigida pela habil penna do Sr. Guilherme Dias, em Portugal e que agora passou a publicar-se em typographia propria na cidade do Rio Novo em Minas Geraes.

Agradecemos permutaremos.

—Temos sobre a meza o primeiro fasciculo da revista Mensal intitulada «Club Brasileiro Commercial», organo do acreditado Club Commercial desta capitel.

A revista demonstra estar em boas mãos, pois o seu assumpto é todo de interesse á classe commercial.

Permutaremos com agrado.

O Ritualismo na Inglaterra.—De uma correspondencia de Londres para um jornal de New York, e que veio publicada no *Jornal do Commercio*, extrahimos os seguintes trechos sobre o *ritualismo*.

«Os *ritualistas*, de que faz parte a maioria do clero anglicano, approximam-se muito dos catholicos romanos pela fórma do serviço religioso, as cerimoniaes e as profissões e a pratica da confissão. Os pastores *ritualistas* são quasi padres.

Quanto ao *ritualismo*, acredita que a extensão de sua pratica trará a abolição da Igreja do Estado.»

Póde-se, por aqui, avaliar quanto é justa, portanto, a reacção que, neste momento, produz-se na Inglaterra, contra a invasão, na Igreja, das praticas romanas.

S. C. de Moças.—Esta Sociedade teve a sua reunião de diversão no dia 19 de Janeiro, e a mensal em 2 de Fevereiro, presentes 24 pessoas.

Organisou-se a commissão de religião, para qual foram nomeadas as seguintes irmãs: D.D. Carlota Gama, Christina Braga Junior, Carolina Andrade e Miss Cubby.

Para a commissão de cecuras foram encarregadas as irmãs: D.D. Anna do Couto, Mathilde da Silva, Mrs. Allen e Zilda Andrade.

Para a de divertimentos: D.D. Adelaide Moret, Carlota Gama Junior, Evangelina Andrade e Albertina Marques.

A socia D. Esther Fernandes Rodrigues passou de auxiliar para activa.

Parabens.

O clericalismo em França.—O ministerio da justiça de França publicou recentemente uma estatistica que não é de desdenhar, antes digna de aturada reflexão, pelo que tem de eloquente na materia de que trata. Diz respeito aos padres e aos frades condemnados pelos tribunaes do paiz durante o primeiro semestre do anno findo, e accusa a linda cifra de duzentos e quarenta criminosos, cento e noventa e oito dos quaes soffreram os rigores da lei por attentados ao pudor!

Entre elles figura em primeira plana, o director do Orphelinato de Notre Dame des Rochers, frei Seraphim, condemnado a trabalhos publicos perpetuos. Desgraçou 23 creanças de 6 a 8 annos!!

Figura em segundo logar, frei Lubes, professor congreganista de Libourne, condemnado a dez annos de prisão cellular.

Segue-se monsenhor Macet, camareiro de Sua Santidade, conego de Teracine, conego honorario d'Agen, Bordeus e Avignon, missionario apostonico, presidente da confraria da Immaculada Conceição. Foi condemnado pelo tribunal a dez annos de prisão.

Ha a accrescentar, ainda, a prisão e condemnação de diversas irmãs da caridade, irmãs do Bom Pastor, congreganistas, etc., accusadas, na sua maioria, pelo crime de infanticidio.

A eloquencia da estatistica dispensa comentarios...

Agora, póde se imaginar o que não se passará que não vem a publico!...

